

SUMÁRIO



<i>Introdução</i>	11
1. Por que uma psicologia homossexual?	17
2. O que é terapia afirmativa?	21
3. A homofobia e o paciente gay	27
4. A terapia afirmativa e a questão da identidade ...	35
5. O terapeuta afirmativo	43
6. A clínica	53
7. A minha clínica	75
<i>Referências bibliográficas</i>	89
<i>Anexo 1 – Resolução CFP n. 001/1999, de 22 de março de 1999</i>	93

<i>Anexo 2 – Orientações da American Psychological Association para psicoterapia com clientes gays, lésbicas e bissexuais</i>	95
<i>Anexo 3 – Como encontrar um terapeuta afirmativo</i>	99
<i>Anexo 4 – Perguntas a serem feitas a um candidato a terapeuta de acordo com a visão afirmativa</i>	103

INTRODUÇÃO



Formado em Psicologia em 1976, embora não tenha seguido inicialmente a carreira clínica, sempre me interessei pelo do campo da Psicoterapia, tendo participado de vários grupos de formação no Brasil e nos Estados Unidos.

Porém, a experiência que transformaria de forma definitiva minha vida pessoal e abriria uma nova e fascinante perspectiva profissional ocorreu em 1999. Nesse ano participei, no Esalen Institute, Califórnia, de um seminário não apenas oferecido exclusivamente a gays, mas também liderado por um psicoterapeuta abertamente gay e com clínica na cidade de São Francisco. Ali, ao conviver e trabalhar conteúdos psicológicos com outros dezoito homens gays de várias faixas etárias e de diferentes regiões dos Estados Unidos, percebi que, a despeito das diferenças pessoais, sociais e culturais, tínhamos praticamente a mesma história.

A partir daquele momento, resolvi estudar mais profundamente a psicologia afirmativa e me preparar para trabalhar de modo mais focalizado e direto com o público gay. Desde então, venho pesquisando e lendo muitas obras sobre a chamada *psicologia homossexual*¹. Além de atender indivíduos, casais e grupos e conduzir workshops, escrevo artigos e participo de debates e mesas-redondas sobre as inúmeras questões direta ou indiretamente relacionadas com o tema da homossexualidade. Mais recentemente, tenho também orientado mães e pais de homossexuais que participam da organização não governamental Grupo de Pais de Homossexuais (GPH). E, nos últimos anos, ao *redescobrir* a psicologia de orientação junguiana, ampliei minha visão sobre o assunto, refletindo sobre ele de forma mais analítica e incorporando os elementos simbólicos da psicologia profunda à compreensão dos fenômenos da homossexualidade em suas múltiplas manifestações.

Apesar de não ser nova a ideia de escrever um livro introdutório sobre psicologia afirmativa e seu tema mais presente, a homofobia – com um texto simples que, em vez de ter a pretensão de esgotar ou analisar em profundidade o tema, oferecesse aos leitores leigos um reper-

1. Embora atualmente seja mais comum substituir *homossexualidade* por *homoafetividade* (termo cunhado pela desembargadora Maria Berenice Dias), decidi utilizar *homossexualidade* para me referir à orientação sexual e *homossexual* para designar os indivíduos com essa orientação. Porém, sempre que me refiro a tais indivíduos no contexto da abordagem afirmativa, utilizo o termo “gay” – incluindo homens e mulheres, a não ser em situações em que a distinção entre gay e lésbica me pareceu necessária.

tório conceitual mínimo para uma reflexão abrangente sobre a identidade homossexual de forma íntegra –, precisei esperar alguns anos até sentir que estava de fato preparado para me dedicar à sua elaboração. As razões, além de certa resistência em me comprometer com projetos fora da clínica, eram tanto de caráter técnico quanto pessoal.

Do ponto de vista técnico, eu julgava ser necessário acumular experiência clínica suficientemente ampla, que me possibilitasse ser capaz de generalizar (com um mínimo de precisão) sobre as dinâmicas do desenvolvimento e as diversas questões com as quais depara a maioria dos homossexuais. Outra preocupação minha era que, ao generalizar, eu não perdesse a dimensão da singularidade individual – que é, por assim dizer, o coração da clínica psicológica.

Quanto ao aspecto pessoal, questionava-me sobre a real necessidade de escrever (e principalmente publicar) em um formato diferente daquele que venho utilizando há anos na revista *G Magazine*, tanto no site quanto na versão impressa, na coluna “Papo-cabeça”. Identifiquei-me com tal formato por se tratar de textos curtos produzidos na esteira de emoções ou ideias despertadas por filmes, livros, peças de teatro e acontecimentos da comunidade gay de modo geral. Ou, ainda, produzidos por reflexões advindas da minha prática clínica.

Agora, após oito anos de clínica, atendendo exclusivamente homossexuais e seus familiares, tendo respondido a centenas de e-mails de leitores de todo o país e participado de inúmeros grupos de discussão e de orien-

tação no Brasil e nos Estados Unidos, senti que havia chegado a hora de escrever este livro. Afinal, eu já acumulara volume considerável de histórias pessoais e casos clínicos que me permitiriam falar com segurança sobre a experiência brasileira de uma psicologia especificamente voltada aos gays. Obviamente, para que eu tomasse essa decisão contribuíram os insistentes pedidos de leitores, colegas, amigos e, principalmente, a constatação de uma evidente lacuna, na literatura psicológica, em relação à homossexualidade dirigida ao público brasileiro. Assim, após muitas conversas com possíveis editores e várias sessões de terapia refletindo sobre o tema, decidi aceitar o desafio e finalmente assumir os riscos de lançar este livro.

A base conceitual sobre a qual se desenvolve o meu trabalho é a psicologia afirmativa, cujos fundamentos consistem em um conjunto de pressupostos teóricos sobre a homossexualidade e em uma atitude clínica especificamente voltada para o desenvolvimento de uma identidade homossexual positiva. Essa vertente vem sendo desenvolvida principalmente nos Estados Unidos e no Reino Unido e já acumula um corpo considerável de formulações teóricas e dados clínicos. Ainda que não se trate de um sistema psicológico independente, nem estabeleça um modelo psicoterápico próprio, a terapia afirmativa se distingue por questionar as visões tradicionais que encaram a homossexualidade como patologia ou manifestação imatura da sexualidade. De acordo com a visão afirmativa, a identidade homossexual é expressão natural, espontânea e positiva da sexualidade humana, em nada inferior à identidade heterossexual.

Para a psicologia afirmativa, a homofobia, e não a homossexualidade *per se*, é a principal responsável por muitos dos conflitos vivenciados pelos homossexuais. Por essa razão, os psicoterapeutas que adotam a abordagem afirmativa (independentemente de sua orientação teórica ou formação técnica), ao ajudarem a desenvolver uma identidade homossexual positiva, transmitem aos pacientes absoluto respeito por sua sexualidade, sua cultura e seu estilo de vida. Atuam buscando compreender tanto as variáveis da dinâmica pessoal quanto as variáveis sociais relativas às diferentes formas de preconceito e opressão a que os homossexuais estão submetidos. É sobre esse assunto que falarei detalhadamente neste livro.

... 1 ...

POR QUE UMA PSICOLOGIA HOMOSSEXUAL?



A chamada psicologia homossexual [*lesbian and gay psychology*] surgiu a princípio nos Estados Unidos e difundiu-se em países europeus, principalmente na Grã-Bretanha, em reação ao heterocentrismo da psicologia dominante – que, até meados dos anos 1970, continuava a apresentar a homossexualidade como uma manifestação patológica, e os homossexuais como produto de um desenvolvimento psicosssexual problemático.

Até então, os estudos e pesquisas sobre a homossexualidade restringiam-se aos “desvios ou disfunções sexuais” e tinham como base uma população formada por sujeitos em prisões, hospitais e consultórios psiquiátricos. Tais pesquisas, quase sempre conduzidas com homossexuais masculinos, tinham seus dados generalizados para as lésbicas.

Nesse período, técnicas e tratamentos eram empregados com o objetivo de inibir o desejo homossexual e restaurar a heterossexualidade. Entre eles, os mais comuns eram as terapias de aversão (com o uso de eletrochoques ou drogas que provocavam náuseas), dessensibilização sistemática², castração, lobotomia e aplicação de hormônios (principalmente nas mulheres).

Como as pesquisas e os estudos sobre a homossexualidade concentravam-se unicamente na psicologia clínica, o foco permanecia na busca das causas e da cura das condições patológicas, deixando de lado as questões relacionadas com os aspectos mais gerais da vida dos homossexuais. Esses trabalhos ignoravam como os indivíduos homossexuais lidavam com os temas comuns da vida cotidiana: como se relacionavam afetiva e sexualmente, de que forma conviviam com a família e cuidavam da saúde, como enfrentavam os desafios da maternidade/paternidade e de que modo desenvolviam a carreira etc.

Foi nesse cenário profundamente desanimador que a psicologia homossexual começou a estabelecer suas bases. Partindo do pressuposto de que a orientação homossexual é parte da variação normal da sexualidade humana, a American Psychiatric Association retirou-a do seu manual de diagnósticos psiquiátricos (*Diagnostic and statistical manual of mental disorders – DSM*) em 1973.

2. Técnica que consiste na apresentação gradual de imagens associadas a estímulos que provocam sensações agradáveis ou reduzem sensações desagradáveis. Nesse caso, a dessensibilização era uma tentativa de eliminar o desejo homossexual, incrementando o desejo heterossexual.